

RESENHA: CORTAZAR, Julio. *Um tal Lucas*. Tradução de Paulina Wacht e Ari Roitman. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

Ulisses Augusto Guimarães Maciel (Doutorando em Letras pela UESC)

Publicado em 1979, *Um tal Lucas*, de Julio Cortazar, é tido como uma das obras menos comentadas do autor. Dividido em três partes, o livro se apresenta através de relatos breves, que, buscam em certo sentido, colocar o leitor diante de uma forma inclassificável de narrativa. Não se tratando de um romance, nem tão pouco de uma reunião de contos, o que vemos na obra, é a clara negação de uma literatura tradicional. Seus breves capítulos soam como fragmentos a expressar a desordem resultante do conflito entre razão e intuição, tão recorrentes em Cortazar. Com a tradução de Paulina Wacht e Ari Roitman, publicada recentemente pela Civilização Brasileira, podemos depois de um intervalo de aproximadamente 40 anos, ter acesso a uma nova edição dessa importante obra para literatura Latino-americana.

Como sugere o título da obra, Lucas é o centro da narrativa. Se bem que entre a primeira parte e a última, temos o tomo do meio, sem referência direta ao protagonista. A única associação possível se dá em “O que é um polígrafo?”, fazendo uma clara retomada ao narrador da ficção, figura que se confunde com o próprio escritor argentino. Em *Um tal Lucas* estamos expostos a clara multiplicidade que não visa a construção de um narrador autoritário, mas sim, de uma figura que se forme em conjunto com o processo de desvendamento da prosa. O protagonista, em diversos momentos, abre espaço para reflexões que não buscam algo diferente de si mesmas, uma forma que Cortazar encontra para trazer ao centro do discurso literário, o texto. “Lucas, suas críticas da realidade” no primeiro tomo, é parte essencial para adentrarmos, de certa maneira, no universo da obra. “Esta planta é esta planta, Dorita = Dorita e assim por diante. Mas ele não se ilude e sabe-se lá o que esta planta é em outro contexto, e nem se fala de Dorita, porque” (CORTAZAR, 2014, p. 31).

A literatura cortaziana materializa em seu desenvolvimento, a expressão ativa de uma consciência da linguagem como algo próprio da escrita literária. Em seu processo de composição, o autor propõe uma ruptura brusca com o convencional, desconstruindo a ideia de uma narrativa que

não evidencie a forma como elemento estético da obra. “Lucas olha a palavra destinatário na palma da mão, acaricia levemente sua pelagem e a devolve ao limbo do incerto; tanto faz o destinatário porque o tem aí na mão, escrevendo o que ele lê e lendo o que ele escreve, o que mais pode pedir” (CORTAZAR, 2014, p. 27). Entre a palavra que indica a quem se dirige o texto e a palavra enquanto objeto próprio do texto, *Um tal Lucas* desafia o leitor a se colocar diante de uma lógica independente de qualquer determinação prévia. A representação perde sua ligação com a realidade, transformando a palavra em uma espécie de manifestação surreal de si mesma.

Quando lemos o capítulo “Lucas, sua nova arte de fazer conferências”, vimos representado esse contexto metafísico, no qual se dá a relação entre as palavras e as coisas, entre o nível da realidade aparente e o da realidade profunda, uma relação marcada pela impossibilidade da palavra de revelar-nos uma realidade que não seja uma representação do sujeito que a concebe. “O contínuo espaço-tempo no qual somos fenômenos de um instante que volta ao nada no próprio ato de concebê-lo” (CORTAZA, 2014, p. 45), preocupação constante da obra cortaziana, que retoma de modo obsessivo, a ilusão de progresso, movendo-se em espiral, sem que uma explicação lógica ou racional possa se formar a partir da leitura.

A atenção não deve estar voltada a algo que se forme para além das palavras. A linguagem proposta por Cortaza vai de encontro às concepções do leitor pondo-as em cheque. Em *Um tal Lucas*, as palavras assumem um caráter evasivo, por nos colocar diante de uma relação imediata com a obra. O que está posto é a visão do protagonista e dos conflitos internos em torno do processo criativo. “Não se trata de escrever para os outros e sim para si mesmo, mas o si mesmo também tem que ser os outros” (CORTAZA, 2014, p.26). Tornando a leitura uma experiência de desvendamento, como se por meio do texto do autor argentino, fosse possível a criação de algo distinto de qualquer possibilidade imediata.

Além das questões em torno da linguagem, também é inevitável pensarmos o aspecto político da obra de Cortaza. No capítulo “Lucas, seus estudos sobre a sociedade de consumo” o autor mais uma vez, rompe com a forma sistemática do pensamento, não pelo simples apelo estético, de forma alguma, mas por negar toda a lógica de um pensamento banal, através do qual, uma falsa ideia de progresso se fundamenta. A escrita do autor assume em certo sentido, um tom rebelde contra os

artifícios da linguagem que se esforça em esconder a fragilidade de uma sociedade perdida em suas correntes de felicidade. Revelando a negação de uma estrutura criativa incapaz provocar no leitor um estado de desconforto.

*Um tal Lucas* surge como uma prosa poética, um manifesto em prol da literatura como um todo, buscando através da narrativa a composição de um texto que englobe em uma só forma o romance, o conto e a poesia. Ao leitor de Julio Cortaza, não cabe à passividade de quem aguarda o resultado de um processo. As palavras não estão a serviço de quem busque desvendar a obra, mas se apresentam como meio de revelarmos uma nova experiência literária, exigindo uma participação ativa na construção de significado do texto.